



Joana Cravo Venâncio

**HOMOFOBIA E CONSEQUÊNCIAS DA (NÃO) ASSUMPÇÃO DA
HOMOSSEXUALIDADE:
UM ESTUDO SOBRE A VISÃO LGBT**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

2010

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**HOMOFOBIA E CONSEQUÊNCIAS DA (NÃO) ASSUMPÇÃO DA
HOMOSSEXUALIDADE:
UM ESTUDO SOBRE A VISÃO LGBT**

Dissertação apresentada por Joana Cravo Venâncio, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Especialização em Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Gabrielle Poeschl.

Porto, Outubro 2010

RESUMO

São diversos os assuntos que despertam o estudo na psicologia social, nomeadamente aqueles que apresentam um impacto social de alto nível. A Homossexualidade é um desses temas, um tema com cada vez mais mediaticidade. A comunidade lésbica, gay, bissexual e transgénera – LGBT – começa a perder o medo e a ganhar a coragem para vir para a rua lutar pelos seus direitos, enfrentando todas as consequências sociais e pessoais que esta retirada de máscara pode acarretar.

O debate sobre os direitos dos homossexuais ganha terreno e aos poucos as pessoas não heterossexuais fazem as suas vozes serem ouvidas. Para perceber como a comunidade LGBT percebe a forma como os heterossexuais representam a homossexualidade e as suas atitudes para com os homossexuais foi realizado um estudo junto de 90 sujeitos (não heterossexuais), sendo 47 do sexo masculino e 43 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 42 anos.

Os dados foram recolhidos por meio de um questionário distribuído em locais onde associações promovem actividades LGBT, nomeadamente a rede *ex aequo* (associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos em Portugal), assim como através de contactos pessoais, usufruindo assim da técnica *Snowball*, e construído com base num instrumento anteriormente utilizado para estudar a mesma linha de investigação (Costa, 2008). Incluiu itens da escala de motivação para responder de forma não preconceituosa (IMS/EMS, Plant & Devine, 1998), de preconceito sexual clássico (ATLG, Herek, 1988) e de preconceito moderno (MHS, Morrison & Morrison, 2002). Também foram avaliadas as consequências (sentimentos negativos e discriminação) tidas como experimentadas por aqueles (LGBT) que optam ou por assumir ou por não assumir a sua orientação sexual.

Os resultados obtidos indicam que, na opinião dos respondentes homossexuais, a população heterossexual tem mais motivação externa do que interna para responder de forma não preconceituosa, ao contrário do que inicialmente se supôs. Revelam também que os LGBT percebem um nível

de preconceito relativamente fraco nos heterossexuais, apesar de mais elevado para as atitudes “modernas”.

No que respeita às consequências que resultam da decisão de assumir ou não assumir a orientação sexual, os resultados mostram que os LGBT admitem que os homossexuais que optam por se assumir experimentam mais sentimentos negativos, ao contrário do previsto, e sofrem mais de discriminação, tal como previsto, do que os não assumidos.

ABSTRACT

There are diverse subjects that wake the study in social psychology, particularly those that present a social impact of high level. The Homosexuality is one of these subjects, a subject with an increasing mediaticism. The lesbian, gay, bisexual and transgender community - LGBT - starts to lose the fear and gaining the courage to come to the street to fight for their rights, facing all the social and personal consequences that this withdrawal of mask can cause.

The homophobia discuss gains ground and slowly the non heterosexual people make their voices to be heard. To understand how LGBT community sees the form as the heterosexuals represent the homosexuality and their attitudes toward the homosexuals was performed a study of 90 citizens (non heterosexuals), being 47 males and 43 females, with ages between the 14 and 42 years.

The data was collected through a questionnaire that was distributed in places where associations promote LGBT's activities, particularly the Rede ex aequo (association of young lesbians, gays, bisexuals, transgender and sympathizer with ages between the 16 and 30 years in Portugal), as well as through personal contacts, taking advantage of the Snowball technique, and constructed on the base of an instrument previously used to study the same line of inquiry (Costa, 2008). It included items of the motivation scale to answer from not prejudiced form (IMS/EMS, Plant & Devine, 1998), of classic sexual prejudice (ATLG, Herek, 1988) and of modern prejudice (MHS, Morrison & Morrison, 2002). Also the consequences (negative feelings and discrimination) had been evaluated taken as experienced for those (LGBT) that opt or for assuming or not assuming their sexual orientation.

The results indicate that, in the opinion of the homosexual respondents, the heterosexual population has more external motivation than internal to answer in a not prejudiced form, unlike of what initially was assumed. They also disclose that the LGBT perceive a relatively weak level of prejudice in the heterosexuals, despite higher for the "modern" attitudes.

Regarding to the consequences that result of the decision to assume or not assume the sexual orientation, the results show that the LGBT admit that the homosexuals who they opt to assume experience more negative feelings,

unlike than expected, and more suffer discrimination, as foreseen, than the not assumed.

RÉSUMÉ

Sont divers les sujets qui réveillent l'étude dans la psychologie sociale, notamment ceux qui présentent un impact social de haut niveau. À Homosexualité c'est un de ces sujets, un sujet avec de plus en plus médiatique. La communauté lesbienne, gay, bisexuel et transgenre - LGBT - il commence à perdre la peur et à gagner le courage pour venir pour que la rue combatte pour leurs droits, en affrontant toutes les conséquences sociales et personnelles que ce retrait de masque peut causer.

Le débat pour la homophobie gagne terrain et aux peu les personnes qui passent par elle fait leurs voix être entendues. Pour percevoir comme la communauté LGBT perçoit la forme comme les hétérosexuels représentent homosexualité et leurs attitudes envers les homosexuels a été réalisées une étude près de 90 sujets (non hétérosexuels), en étant 47 du sexe masculin et 43 du sexe féminin, avec des âges compris entre les 14 et 42 années.

Les données ont été rassemblées au moyen d'un questionnaire distribué dans des lieux où des associations promeuvent des activités LGBT, notamment la Rede *ex aequo* (association de jeunes lesbiennes, gays, bisexués, transgenres et sympathisants avec des âges compris entre les 16 et 30 années au le Portugal), ainsi qu'à travers des contacts personnels, en ayant l'usufruit ainsi de la technique *Snowball*, et construit sur base d'un instrument précédemment utilisé pour étudier le même ligne de recherche (Costa, 2008). Il a inclus des items de l'échelle de motivation pour répondre de forme non partielle (IMS/EMS, Plant et Devine, 1998), de préjugé sexuel classique (ATLG, Herek, 1988) et de préjugé moderne (MHS, Morrison et Morrison, 2002). Aussi ont été évaluées les conséquences (sentiments négatifs et discrimination) eues comme essayées par ceux (LGBT) ils lesquels optent ou il supposera ou de ne pas supposer son orientation sexuelle.

Les résultats obtenus indiquent que, dans l'avis des répondants homosexuels, la population hétérosexuelle a plus motivation externe dont interne pour réponde de forme non partielle, au contraire dont initialement s'est supposé. Ils révèlent aussi que LGBT ont la perception d'un niveau de préjugé relativement faible nous hétérosexuels, malgré plus élevé pour les attitudes « modernes ».

À l'égard des conséquences qui résultent de la décision de supposer ou de ne pas supposer l'orientation sexuelle, les résultats montrent que LGBT admettent que les homosexuels ils lesquels optent ils se supposer essayent plus sentiments négatifs, au contraire prévu, et souffrent plus de discrimination, tel comme prévu, dont non supposés.

*It's not that easy being green;
Having to spend each day the color of the leaves.
When I think it could be nicer being red, or yellow or gold...
or something much more colorful like that.*

*It's not easy being green.
It seems you blend in with so many other ord'nary things.
And people tend to pass you over 'cause you're
not standing out like flashy sparkles in the water
or stars in the sky.*

*But green's the color of Spring.
And green can be cool and friendly-like.
And green can be big like an ocean, or important like a mountain,
or tall like a tree.*

*When green is all there is to be
It could make you wonder why, but why wonder why?
Wonder, I am green and it'll do fine, it's beautiful!
And I think it's what I want to be.*

Cocas, o Sapo (1970)

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à professora Gabrielle Anny Poeschl por se interessar por esta linha de investigação, por estar sempre pronta a dar uma resposta rápida e me ter deixado livre de movimentos, sem pressões desnecessárias.

A todos aqueles que me inspiraram, de forma consciente ou não, a pegar num assunto que embora seja cada vez mais debatido, carece ainda de um longo caminho até ser resolvido.

Ao grupo local da associação rede *ex aequo* porto, que permitiu a recolha de informação e inspiração que tornou este trabalho mais completo e próximo da realidade e a todos aqueles que passaram a palavra sobre este projecto, ajudando assim na recolha de dados.

Ao Minimal Café que me recebeu tardes a fio, sem ninguém me incomodar, deixando-me à vontade para escrever este trabalho.

Às meninas das AlaGirls que me aturaram sempre com um sorriso no rosto mesmo quando a cara era feia.

À Natércia e à Liliana, colegas de dissertação, onde nunca me disseram 'não' a uma ajuda, ajuda preciosa.

À minha família que nunca me colocou barreiras para explorar o mundo.

Ao Hugo, por estar sempre pronto a opinar sem medos e pela troca de experiência e informação, não esquecendo a inigualável amizade, apoio e carinho.

À minha mana Di, pelas longas conversas sobre a desmotivação que acabaram por me dar forças para chegar ao fim.

Às minhas queridas: Margarida, Ivete e Celinha, pelos sorrisos e gargalhadas que tornam tudo mais fácil.

E a ti, pelo futuro que está para vir.

INDICE

INTRODUÇÃO	2
1. HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA	4
1.1. História da Homossexualidade	4
1.2. Homofobia e Heterossexismo	6
1.3. Movimento LGBT Internacional	7
1.4. Movimento LGBT em Portugal	11
2. <i>COMING OUT</i>	15
3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE	21
3.1. Teoria das Representações Sociais	21
3.2. As Representações Sociais da Homossexualidade	23
3.3. Objectivos do Estudo Empírico e Hipóteses	25
4. METODOLOGIA	27
4.1. Amostra	27
4.2. Questionário	27
4.3. Procedimento	29
4.4. Análise dos Dados	29
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXOS	47
Anexo I	48

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a homossexualidade é bem aceite em diversos países, porque será que existem diferenças da sua aceitação em todo o mundo? Pela literatura verifica-se que a homossexualidade já foi tida como “natural”, e parece que a discriminação e a homofobia surgiram como uma necessidade social e política. No mundo antigo não havia necessidade de distinguir o relacionamento entre pessoas de sexo diferente e entre pessoas do mesmo sexo, surgindo esta necessidade de forma gradual, ao longo do tempo (Spencer, 1999).

Esta dissertação foca-se na homofobia do ponto de vista dos homossexuais, razão pela qual a revisão da literatura incidiu sobre a história da homossexualidade, dos movimentos para a defesa dos não heterossexuais, e a decisão dos não heterossexuais de assumir ou não a sua orientação sexual.

O trabalho apresentado é dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, aborda-se a história da homossexualidade, sublinhando a passagem de uma prática considerada como normal a uma prática vista como errada e suscitando atitudes negativas e comportamentos discriminatórios. Define-se os conceitos de homofobia e heterossexismo e como se manifestam nas interações entre pessoas heterossexuais e não heterossexuais, antes de descrever as grandes linhas da história do movimento LGBT internacional e português.

O segundo capítulo é consagrado ao processo de “*coming out*”, processo pelo qual os não heterossexuais reconhecem a sua orientação sexual e decidem assumir esta orientação. Dois modelos explicativos do *coming out* são descritos, o modelo proposto por Cass (1979) e o modelo de Coleman (1982). Discute-se também as dificuldades associadas à decisão de assumir ou não assumir a homossexualidade e os benefícios e os custos dessa decisão.

O terceiro capítulo apresenta alguns aspectos da teoria das representações sociais, em que se enquadrou o estudo sobre representações sociais da homossexualidade que esteve na base do nosso estudo empírico. Os principais resultados obtidos nesse estudo são referidos, antes de serem enunciados os objectivos e as hipóteses que levaram à planificação do nosso próprio estudo.

O quarto capítulo apresenta a metodologia utilizada para o estudo empírico, cujos resultados são analisados e discutidos no quinto capítulo.

Por último, em conclusão do nosso trabalho, discutimos os resultados obtidos, confrontando com o que estava previsto e contrapondo com outros estudos. Fazendo uma análise de todo o estudo, o seu contributo e o que poderia ter sido melhorado.

1. HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA

1.1 História da Homossexualidade

Para se entender melhor este tema da homossexualidade, assim como qualquer outro tema, faz sentido perceber o seu percurso. Os registos teóricos fazem acreditar que a homossexualidade sempre foi uma constante desde que o mundo é mundo.

Em primeiro lugar, deve-se sublinhar que o comportamento homossexual não existe apenas entre os seres humanos: também pode ser observado em animais (Spencer, 1999). A grande maioria dos primatas machos, como os chimpanzés e os bonobos, só copulam quando as fêmeas estão com o cio, no entanto a energia sexual está sempre presente, o que os leva a dirigir essa energia para outras actividades sexuais (Spencer, 1999). Observou-se que os jovens machos apresentavam a ocorrência de actividades homossexuais, heterossexuais, exibicionistas e de masturbação. Os relacionamentos sexuais entre primatas do mesmo sexo são frequentes: quando o macho dominante se apodera de todas as fêmeas, os machos mais jovens procuram e conseguem protecção do adulto superior através da aquisição de uma postura dita “feminina” (Spencer, 1999).

A literatura revela também sinais de homossexualidade quer feminina como masculina no mundo animal. Frans de Waal (1989) efectuou um estudo onde observou o caso de um chimpanzé fêmea que durante o cio recusava os machos, indo montar nas outras fêmeas, assumindo uma postura “masculina” (Spencer, 1999).

Por sua vez, o comportamento homossexual nos seres humanos não era visto como errado em várias civilizações da Ásia, África, Médio Oriente e América do Sul. Nalguns casos era mesmo encorajado, fazendo parte do tecido social, das relações emocionais e sexuais provindas das tradições e dos ritos de passagem (Naphy, 2004), ritos estes que eram de iniciação e que aconteciam entre adultos e jovens.

Na própria mitologia há registos de casos de amor homossexual, como por exemplo Zeus e Garimedes, ou Hércules que amou Filoctetes, Nestor,

Adónis, Jasão e muitos outros (Spencer, 1999). Contudo, não são apresentados casos de homossexualidade feminina.

No século VI surge a poesia de Safo em celebração do amor lésbico, sendo aqui que nasce o termo “lésbica” por ser na ilha de Lesbos que Safo vivia. Em Roma desde os primeiros tempos que se celebra a bissexualidade, o calendário romano reservava um dia de festa para as prostitutas (26 de Abril) e para os prostitutos (25 de Abril) (Spencer, 1999).

Não só no mundo mitológico grego e romano a homossexualidade está presente, mas também na Índia o comportamento e amor homossexual existem desde os tempos mais antigos. Muitos dos deuses e deusas da religião Hindu são descritos como hermafroditas ou travestis, e ainda outros podem mudar de sexo (Spencer, 1999).

Já no Japão existe uma vasta tradição cultural do amor homossexual, não partilhando a maioria das visões dos países do Ocidente do pecado das relações sociais. Para os japoneses, é um fenómeno natural, como comer, a ser desfrutado em local apropriado (Spencer, 1999).

Grande parte do mundo civilizado não apresentava medidas repressivas em relação à homossexualidade, pelo contrário, muitas sociedades celebravam-na de forma positiva. Sabe-se, no entanto, que a certa altura da história da humanidade, a homossexualidade começou a ser vista como algo de errado, de anormal, tornando-se motivo de discriminação. Surge assim a homofobia, termo que simboliza todo o sentimento negativo sentido pela comunidade não homossexual face aos homossexuais.

O início da homofobia poderá ter como base alguns valores da religião, da interpretação das obras cristãs como a Bíblia. A homofobia judaico-cristã sentida no Ocidente é uma atitude que se desenvolveu sobretudo nos últimos 500 anos, acabando por se alastrar por todo o mundo como resultado do domínio europeu do séc. XIX e do domínio cultural e económico dos Estados Unidos da América, nos últimos 100 anos (Naphy, 2004). Os homossexuais passam a ser vistos como pecadores e por isso devem ser excluídos da sociedade.

Nos primórdios do séc. XX a homossexualidade é incluída no ramo das doenças mentais e são criadas clínicas para tratar os doentes homossexuais (Herek, 2004). Muitos homossexuais masculinos, identificados por um triângulo

cor-de-rosa, foram mortos nos campos de concentração nazis (Rede *ex aequo*, 2006).

Depois de um início de história onde a homossexualidade fazia parte do dia-a-dia, esta passa para o extremo oposto, posição esta que se tem vindo a tentar mudar ao longo dos últimos anos.

1.2 Homofobia e Heterossexismo

A exclusão social ligada ao mundo LGBT pode aparecer sob duas formas – Homofobia e Heterossexismo.

Morin (1977, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004, p. 125) define heterossexismo como “*sistema de crenças que valoriza a heterossexualidade como superior e mais natural*” do que a não heterossexualidade, isto é, a crença de que apesar da homossexualidade até poder ser aceite, a heterossexualidade é o modelo ideal de funcionamento psicológico.

Já a homofobia serve para descrever todos os sentimentos e atitudes negativas para com os homossexuais, dando origem a outros novos termos como *lesbofobia*, *bifobia*, *transfobia*, *efeminofobia*, *heterofobia* e mais tarde *SIDA-fobia* (Herek, 2004).

No entanto, estes conceitos são no fundo insatisfatórios, sendo só utilizados quando se quer captar globalmente a realidade discriminatória em que a comunidade LGBT se insere, apelando ao seu significado apenas quando algo aconteceu, mas omitindo os silêncios, ausências e evasões que rodeiam os não heterossexuais (Carneiro & Menezes, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

A homofobia e o heterossexismo são barreiras que impedem os homossexuais de se sentirem confortáveis com a sua identidade sexual, expressando-a sem problemas. Na realidade estas duas barreiras são a forma mais comum de discriminação sentida pelos homossexuais.

Apesar da homossexualidade já não ser considerada como uma desordem mental, muitos profissionais de saúde ainda a vêem como tal. Estudos revelam que 89% de pessoas ligadas aos serviços de saúde manifestam reacções negativas quando um paciente se identifica como sendo

gay ou lésbica (Harrison, 1996, cit. *in* Brotman *et al.*, 2002). As reacções manifestadas vão desde o embaraço até a situações de rejeição directa do paciente ou exibição de hostilidade, assim como excessiva curiosidade (Dardick & Grandy, 1980, cit. *in* Brotman *et al.*, 2002).

Apesar da homossexualidade ter sido excluída do DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* - em 1973, a APA - *American Psychological Association* - manteve ainda durante dois anos uma política que encorajava os médicos que reconhecessem nos seus pacientes gays a possibilidade de reverterem as suas preferências sexuais em alguns casos, sendo esta política abolida antes de 1994 (Dunlap, 1994, cit. *in* Brotman *et al.*, 2002).

Existem diversas situações, nomeadamente em contexto médico, onde o heterossexismo está fortemente presente, situações como o lugar do/a companheiro/a no (não) direito às visitas em caso de internamento do/a outro/a nos cuidados intensivos, o acompanhamento na ambulância e o direito a ter acesso sobre o estado de saúde do/a outro/a (Brotman *et al.*, 2002).

Portugal mantém-se ainda numa sociedade fortemente estratificada, onde se mantêm hábitos de ver o mundo que promovem o preconceito e alargam a diferença entre o aceitável e o não aceitável (Moita & Amaral, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

1.3. Movimento LGBT Internacional

O início do movimento LGBT no mundo está fortemente ligado com os acontecimentos decorridos no Stonewall em Nova Iorque no ano de 1969 e com o Maio de 68 francês.

O Stonewall era um bar frequentado por homossexuais e travestis e que se destacava dos outros bares por permitir que casais do mesmo sexo dançassem à vontade. Era várias vezes sujeito a rusgas policiais e numa dessas rusgas aconteceram incidentes entre os clientes do bar e a polícia, levando a que os próprios policiais se escondessem no bar, enquanto a multidão se manifestava do lado de fora. Foi neste momento que a população LGBT percebeu que tinha que lutar pelos seus direitos (Almeida, 2010).

Por sua vez, os acontecimentos do Maio de 68 francês surgem como factores de mudança nas relações entre raças, sexos e gerações, primeiro em França e depois no resto da Europa. Promoveram ideias ligadas às liberdades civis democráticas, aos direitos das minorias, à igualdade entre homens e mulheres, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais (Almeida, 2010).

É a partir destas duas datas que os estudos ligados à sexualidade, com especial atenção à comunidade LGBT, começam a aparecer. Foram a condição histórica básica de existência de uma teoria gay e lésbica, já que sem estas rampas de lançamento, estas teorias não teriam impacto social, teórico, académico, cultural e político (Cascais, 2004).

Porém, antes destes dois acontecimentos o movimento LGBT no mundo já tinha começado a dar os seus sinais. Heinrich Hössli (1784-1864) é considerado o primeiro militante gay, sendo a primeira pessoa na história moderna a encorajar os gays a assumir publicamente a sua orientação sexual, a pedir direitos iguais para as mulheres, a pedir às famílias que aceitassem e compreendessem os seus filhos homossexuais e a exigir que a Igreja deixasse de ser homofóbica (*in* www.fazendoestrelas.blogspot.com, 2009). Heinrich Hössli terá sido também o primeiro a publicar um ensaio apologético do amor grego, *Eros: Die Männerliebe der Griechen* (Eros: O amor masculino entre os gregos), nos anos 1836-1838 (Cascais *et al.*, 2004).

O termo *homossexualidade* é introduzido, pela primeira vez, no léxico científico alemão em 1869, por Károly Mária Kertbeny, embora já em 1864 Karl Heinrich Ulrichs tivesse feito uma teorização apologética do tema, ao qual chamou de *uranismo*. Mas é com a psicanálise de Freud e com o código penal alemão (que, no parágrafo 175, previa punir com prisão os homossexuais (Almeida, 2010)) que o termo *homossexualidade* passa a ser utilizado de forma definitiva, sendo que é a partir deste termo que mais tarde surgem as noções de identidade gay, lésbica, bissexual e transgénera (Cascais *et al.*, 2004).

A grande expansão epistemológica que ainda hoje molda os estudos gays e lésbicos tem como base nomes como Oscar Wilde, André Gide e Marcel Proust cujas descrições literárias constituem uma fonte de investigação para as

actuais teorias gays, lésbicas e queer¹. Estas literaturas surgem entre os finais do século XIX e a segunda Guerra Mundial, coincidindo com a altura em que começam a aparecer as primeiras comunidades gays e lésbicas, nas grandes cidades europeias e norte-americanas (Cascais *et al.*, 2004). Estas últimas desenvolveram-se no ano de 1990 nos Estados Unidos com a publicação do livro de Judith Butler *Gender Trouble* (Cascais *et al.*, 2004).

O manifesto “O relatório contra a normalidade” (1974) da autoria da Frente Homossexual de Acção Revolucionária (FHAR) é também ele um momento que abre portas para o aumento de obras literárias gays e lésbicas na Europa, assim como a formação das primeiras associações e movimentos em cidades europeias como Londres, Berlim e Amesterdão (Cascais *et al.*, 2004).

Porém, no ano de 1970 nos Estados Unidos da América e, mais tarde, em 1980 em Portugal, diversos factores não permitem uma boa aceitação da homossexualidade: as mentalidades, as ideias políticas de direita e a crise da SIDA, assim como as questões ligadas ao género e ligadas à própria nomenclatura dentro da comunidade LGBT. Começa-se então a procurar uma resposta para a existência da homossexualidade, nomeadamente respostas ligadas à biologia (a procura do “gene gay”) (Santos, 2005).

Em 1972 George Weinberg, psicólogo americano, vem pela primeira vez dar nome ao sentimento de hostilidade que tinha vindo a ser questionado nos EUA e na Europa depois da II Guerra Mundial. Este sentimento, que se traduzia em reacções hostis de médicos para com pacientes homossexuais, mais que um medo, afigurava uma fobia (Herek, 2004).

Assim Weinberg introduz o conceito de *homofobia*. O aparecimento deste termo veio chamar a atenção para a rejeição, a hostilidade e a invisibilidade que os homossexuais sentiam por parte da sociedade. Ele começou a ser utilizado juntamente com outros contextos de discriminação e intolerância, tornando-se alvo de interesse e de estudo (Herek, 2004). É um ano após o aparecimento do termo homofobia, no dia 15 de Dezembro, que, nos EUA, a

¹ Queer diz respeito à forma como algumas pessoas expressam a sexualidade ou a identidade de género, geralmente ligado a um grande nível de activismo político dentro da comunidade LGBT (Rede *ex aequo*, 2006).

homossexualidade deixa de ser considerada uma doença mental, sendo retirada do DSM (Rede *ex aequo*, 2006).

Em 1974 ocorre a primeira Conferência Internacional dos Direitos Gays em Edimburgo, Escócia. Mais tarde, em 1978, na San Francisco Gay Freedom Day Parade é usada pela primeira vez a bandeira arco-íris com a intenção de simbolizar o Orgulho Gay, bandeira esta criada por Gilbert Baker (Rede *ex aequo*, 2006).

É por volta da década de 80 que se observa o início da criação de estudos e departamentos universitários em volta da temática LGBT, assim como actividades que eles promoviam: acompanhamento de linhas e projectos de investigação, prestação de serviços à comunidade, conferências e *workshops* e uma crescente proliferação da literatura gay e lésbica, com livros, artigos e publicações periódicas, sendo que muita desta literatura surge após a emergente epidemia de SIDA (Rede *ex aequo*, 2006).

Em 1989 a Dinamarca surge como primeiro país a instituir uniões civis homossexuais que garantem os mesmos direitos presentes no casamento entre pessoas de sexo diferente. Apenas em 1992, a Organização Mundial de Saúde retira a homossexualidade do leque de desordens mentais e dois anos depois é cancelado o parágrafo 175 do código penal alemão (Rede *ex aequo*, 2006).

Desde o ano 2000, os avanços mais significativos da luta do movimento LGBT focam-se em diversos momentos-chave. Em Dezembro de 2000, o Conselho da União Europeia adopta Directrizes Orientadoras, impostas a todos os estados-membros, sobre o Tratamento Iguatário no Trabalho, proibindo a discriminação directa ou indirecta com base na crença ou religião, idade, deficiência física ou orientação sexual (*in* www.ilga-portugal.pt, 2009).

Ainda em Dezembro de 2000 é aprovada a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia que profere: “*Qualquer discriminação com base em qualquer natureza como sexo, raça, cor, etnia ou origem social, característica genética, (...) ou orientação sexual deve ser proibida*”. O primeiro país que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é a Holanda, em 2001, um ano depois a Suécia passa a permitir a adopção por casais homossexuais (*in* www.ilga-portugal.pt, 2009).

Por fim, desde 2005, foi instituído o Dia Internacional de Luta contra a Homofobia – 17 de Maio, por impulso do intelectual e activista Louis-Georges Tin (Rede *ex aequo*, 2006).

1.4. Movimento LGBT em Portugal

A revolução de 25 de Abril de 1974 traz consigo a restauração da liberdade de associação e de expressão, sendo por isto um grande marco no movimento LGBT em Portugal.

A revolução leva à criação do Movimento Democrático das Mulheres, que incluía lésbicas activistas, embora este facto fosse ocultado sob argumento de poder afastar as mulheres heterossexuais. A homossexualidade nunca foi muito visível na agenda do feminismo português (Moita & Amaral, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004). No entanto, o movimento feminista cruza-se muitas vezes com as reivindicações do movimento LGBT e, por outro lado, o movimento LGBT associa-se muitas das vezes aos partidos de esquerda (Santos, 2004, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

Em Maio de 1974 é formado o Movimento de Acção Homossexual Revolucionária (MAHR), que incentiva a luta de todos os cidadãos contra a repressão sexual, nomeadamente a descriminalização jurídica da prática homossexual, ainda punível com pena de prisão. O MAHR leva à formação do Movimento Homossexual Português que acaba por desaparecer uns anos depois. Em Agosto de 1974 é formado o GIR – Gay International Rights (Rede *ex aequo*, 2006).

Em 1982 a homossexualidade é descriminalizada, mas é só na década de 90 que, em Portugal, as questões relacionadas com a homossexualidade começaram a ser faladas de forma aberta, principalmente devido ao papel que as associações de sensibilização e defesa dos direitos LGBT começaram a desempenhar (Moita & Amaral, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

Em 1986, Portugal passa a fazer parte da União Europeia e a igualdade de direitos e de oportunidades e princípios de não discriminação encontraram-se fortalecidos com esta adesão (Santos, 2004).

Um marco importante na comunidade LGBT em Portugal é o lançamento da primeira revista lésbica portuguesa em 1991, a revista *Organa*, que apenas

teve dois lançamentos. Contudo, mais tarde (1993) surge uma segunda revista, de nome *Lilás*, cuja informação é virada para a defesa dos direitos das lésbicas, com o objectivo de combater o preconceito e o isolamento das mulheres lésbicas portuguesas (Rede *ex aequo*, 2006). Não existem registo sobre qual terá sido a primeira revista portuguesa direccionada para o público homossexual masculino.

Ainda em 1991 o Grupo de Trabalho Homossexual é formado a partir do Partido Socialista Revolucionário e direcciona os seus trabalhos para “*consciencializar a sociedade portuguesa para a repressão e discriminação exercida pela moral sexual dominante*”, denunciando atitudes de homofobia públicas (Rede *ex aequo*, 2006, p. 143).

No dia 14 de Julho de 1994 o Tribunal de Família de Lisboa, após um longo processo, atribui a João Mouta a custódia da sua filha. Sendo João Mouta um homossexual assumido que vivia com o seu companheiro, este foi um grande passo no panorama jurídico português, sendo por isso motivo para ser salientado, embora em 1996 o Tribunal de Relação de Lisboa resolve atribuir a custódia da menina à mãe, argumentando que a “*menor deve viver no seio de uma família tradicional portuguesa*”. João Mouta recorre ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos e este reconhece-lhe a razão obrigando o Estado Português a pagar-lhe uma multa (*in* www.opusgay.org, 1999).

Em 1995 é formada a associação ILGA Portugal, uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sob a forma de Associação de Solidariedade Social, sendo a maior e mais antiga associação de defesa dos direitos LGBT em Portugal (*in* www.ilga-portugal.pt, 2009).

Um ano depois de se formar a ILGA Portugal nasce o Clube Safo, que tem como objectivo o apoio e a defesa dos direitos das mulheres lésbicas, constituindo-se como um espaço de intervenção social, cultural e política, promovendo uma imagem positiva da identidade lésbica, nomeadamente no domínio da saúde e da educação (*in* www.clubesafo.com, 2009).

Em 1997 a Opus Gay inicia o seu trabalho na área dos direitos humanos dos homossexuais (*in* www.opusgay.org, 2009). A primeira marcha de Orgulho Gay realizada em Portugal acontece no ano de 2000 em Lisboa.

Só em 2001 é aprovada a lei 7/2001 de 11 de Maio, em reformulação da antiga lei 135/1999, que finalmente reconhece as uniões de facto para casais

do mesmo sexo. Contudo ainda existem limitações como a inexistência de legislação que proíba a discriminação em termos de orientação sexual (Rede *ex aequo*, 2006): os projectos de educação sexual nas escolas são muito pouco desenvolvidos e os que existem não integram uma visão mais abrangente da sexualidade; muitos centros de saúde continuam a negar a aceitação de doações de sangue feitas por homens gays, com a justificação de estes serem promíscuos; no Código Civil, a definição de “família” ainda utiliza a expressão “*duas pessoas de sexo diferente*” e continua recusado o direito à adopção por parte de casais homossexuais (Moita & Amaral, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

O Código de Trabalho integra, a 2 de Dezembro de 2003, a Directiva 2000/78/EC que inclui a proibição de discriminação com base na orientação sexual. Em 22 de Abril de 2004 a discriminação com base na orientação sexual é inconstitucional, porém, os casos de violência e homofobia continuam a existir (Santos, 2005).

O movimento Panteras Rosa, também denominado LesBiGayTransFobia, é criado em 2004 e tem desenvolvido actividades relacionadas com casos de violência e/ou de discriminação (*in* www.panterasrosa.com, 2009). Finalmente em 2005 o Instituto Português de Sangue decide anular a exclusão de homossexuais masculinos como dadores de sangue.

No dia 1 de Fevereiro de 2006 pela primeira vez um casal lésbico (Teresa e Lena) tenta se casar pelo civil, em Lisboa. Contudo esta união não foi possível devido ao artigo 1.577º do Código Civil que define casamento como “*contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem constituir família*”. Nesse mesmo mês é entregue uma petição na Assembleia da República com mais de sete mil assinaturas pela igualdade no acesso ao casamento civil (Rede *ex aequo*, 2006).

Em 2006 o caso de Gisberta, a transexual torturada ao longo de dois dias e assassinada por treze menores no Porto, vem “acordar” a luta contra a homofobia em Portugal.

A alteração da lei do direito ao casamento por casais não heterossexuais foi, até hoje, o último momento de alteração do panorama jurídico português no que diz respeito às políticas da sexualidade, alteração esta aprovada na Assembleia da Republica no dia 8 de Janeiro de 2010 e promulgada pelo

Presidente da Republica, Aníbal Cavaco Silva, no dia 17 de Maio de 2010, curiosamente o dia Internacional da luta contra a Homofobia.

2. COMING OUT

Frazão & Rosário (2008, p. 30) citam Haneley-Hackenbruck (1968) para descrever o *coming out* como sendo “um processo complexo de transformações interpessoais, frequentemente estendido à vida adulta, que leva a um conjunto de acontecimentos como o reconhecimento da orientação sexual do indivíduo”. Referem ainda Monteflores e Shultz (1978) que vão mais longe nesta definição: “é um processo de desenvolvimento, através do qual os gays e as lésbicas reconhecem as suas preferências sexuais e escolhem integrar esse conhecimento nas suas vidas pessoais e sociais” (Frazão & Rosário, 2008, p. 30).

Para as pessoas, que estão por dentro do meio LGBT, o *coming out* é, sem dúvida, um processo pelo qual todos os indivíduos LGBT passam. Se para alguns este processo é rápido e sem grandes problemas, para a grande maioria é um processo complexo e que pode demorar uma vida inteira a ser concluído.

Por norma é durante a adolescência que o *coming out* começa a ser feito, primeiro para a própria pessoa, que sente, entende e aceita que é LGBT. Posteriormente este conhecimento é alargado para outros contextos como a família, amigos, colegas da escola e/ou trabalho e restante meio social.

Não existe uma idade própria para se fazer o *coming out*. Esta decisão é muito pessoal e dependente de todo o meio envolvente onde está inserida a pessoa LGBT. No entanto, revendo a literatura, há autores que suspeitam que será entre os 12-13 anos de idade que os rapazes homossexuais se apercebem da sua homossexualidade, assim como será entre os 14-15 anos de idade que as raparigas homossexuais se apercebem que são lésbicas. A média de idades para o *coming out* para os gays aponta para os 19-21 anos e para as lésbicas os 21-23 anos (Frazão & Rosário, 2008).

Muitos gays e lésbicas, embora aceitem a sua sexualidade, optam por não se assumirem publicamente, devido ao sentimento de necessidade de segurança. A necessidade de auto-protecção pode resultar da homofobia internalizada – comentários homofóbicos em relação a si mesmo ou à homossexualidade em geral, através dos quais a pessoa absorve a ideia

negativa que a sociedade tem dos homossexuais acreditando que essa é a verdade sobre o assunto (Rede *ex aequo*, 2006). Contudo, mesmo se a homofobia internalizada pode ser ultrapassada, a homofobia social e o heterossexismo são ainda muito sentidos (Moita & Amaral, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

Para dismantelar os preconceitos enraizados na sociedade, seria necessário uma mudança de realidade, ou seja, substituir uma ideologia que promove o medo, a vergonha, a ocultação, a auto-desvalorização, por uma ideologia que promova a auto-aceitação, o respeito, a dignidade, a liberdade de ser (Moita & Amaral, 2001, cit. *in* Cascais *et al.*, 2004).

Ao longo dos anos surgiram diversos modelos explicativos do *coming out*. Na nossa opinião dois modelos descrevem de forma particularmente clara as diversas etapas pelas quais a pessoa LGBT passa até aprender a saber viver com a sua sexualidade. Um destes modelos é o modelo proposto por Cass (1979) e o outro é o modelo de Coleman (1982). Ambos são modelos sequenciais, divididos por estádios, à maneira desenvolvimentista.

O modelo de Cass é composto por seis estádios – *Confusão da Identidade; Comparação da Identidade; Tolerância da Identidade; Aceitação da Identidade; Orgulho da Identidade e Síntese da Identidade* (Frazão & Rosário, 2008).

No primeiro estádio, *Confusão da Identidade*, existe um reconhecimento dos comportamentos e dos pensamentos homossexuais; inicialmente estes não serão aceites e posteriormente irá ser iniciado um processo de procura e recolha de informação sobre a homossexualidade.

No estádio da *Comparação da Identidade* começa a surgir uma aceitação da homossexualidade, surgindo comportamentos e sentimentos de diferença e isolamento social, podendo acontecer duas coisas: a aceitação do comportamento homossexual mas rejeição desta identidade, ou aceitação da identidade homossexual mas inibição do comportamento.

É no terceiro estádio, *Tolerância da Identidade*, que o indivíduo começa a reconhecer as suas necessidades sexuais, emocionais e sociais de ser homossexual, começando aqui uma procura de outras pessoas da comunidade LGBT, de bares e outros locais LGBT, iniciando uma exploração sexual e a construção de um sentimento de pertença a esta comunidade.

No quarto estágio, o da *Aceitação da Identidade*, há uma aceitação da própria homossexualidade como consequência do contacto com outros gays e lésbicas, existe um afastamento do “mundo heterossexual” e surge uma revolta em relação às atitudes *anti-gay* da sociedade.

No estágio do *Orgulho da Identidade* há uma nítida separação, um afastamento dos heterossexuais, o mundo fica claramente dividido em gay e não gay, surge uma diferenciação bem clara entre ser-se homossexual e ser-se heterossexual; e seria neste estágio que o *coming out* para a família, amigos e sociedade seria feito.

Por fim o último estágio, *Síntese da Identidade*, o indivíduo tem consciência total da sua homossexualidade, no entanto consciencializa-se que isso é apenas uma parte de si e não o seu todo.

Outro dos modelos, já referido, é o de Coleman que é constituído por cinco estágios – *Pré-Coming Out; Coming Out; Exploração; Primeiras Relações e Integração* (Frazão & Rosário, 2008).

No primeiro estágio do *Pré-Coming Out*, ainda na infância, a criança sente-se diferente das outras crianças, como absorve a informação negativa que lhe é transmitida sobre a homossexualidade; a criança acaba por se sentir diferente e só, levando à protecção do sentimento que se tem pelo outro do mesmo sexo.

No estágio do *Coming Out* há um reconhecimento do sentimento homossexual e do significado do conceito de homossexual, começando aqui a escolha das pessoas a quem o indivíduo vai revelar a sua orientação sexual.

No terceiro estágio, da *Exploração*, o indivíduo procura outros como ele, há uma necessidade de expandir a sua identidade sexual a nível social e sexual. No estágio das *Primeiras Relações* começam a surgir as necessidades a nível da intimidade e o desejo de encontrar alguém para estabelecer uma relação, assim como iniciar a aprendizagem de viver numa sociedade onde, por norma, as relações são entre pessoas de sexo diferente. Por fim, no quinto estágio, o da *Integração*, forja-se a incorporação da identidade pública e privada numa única auto-imagem (Frazão & Rosário, 2008).

Nestes dois modelos existem pontos comuns. Por exemplo, ambos falam que em determinado momento o indivíduo sente a necessidade de assumir a sua sexualidade para o mundo, seja o mundo familiar ou o mundo social. Mas

que benefícios e custos terá esta assumpção? O processo de *coming out* é um momento crucial na vida, no bem-estar, na saúde da pessoa LGBT.

Por um lado, o stress mental, a baixa auto-estima e o isolamento social resultantes da ocultação da orientação sexual traz muitos riscos e problemas para a saúde mental assim como o aumento dos comportamentos de risco (Bradford & Ryan, 1989, cit. *in* Brotman *et al.*, 2002). Portanto, após o *coming out* feito à família, normalmente observa-se que os jovens passam a querer viver intensamente a sua sexualidade, apesar de surgir também um sentimento de culpa pela decepção causada, o medo de encarar a realidade e as consequências do preconceito, das críticas e do desprezo, preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis e a raiva perante o mundo restrito onde passarão a viver.

Por outro lado, o preconceito social nas atitudes dos pais e amigos dos homossexuais leva muitas vezes a que estes acabem por reprimir os seus impulsos, escondendo assim a sua verdadeira identidade social. Grande parte das vezes os pais desconfiam da homossexualidade dos filhos, optando no entanto por ignorar o assunto e nunca o abordar (Moreira & Dócolos, 1999).

O principal motivo que leva muitas das vezes os pais a pedirem ajuda para um filho homossexual não é a própria homossexualidade, mas sim os comportamentos que se geram como consequência da não assumpção, como por exemplo o uso de drogas, dificuldades de relacionamento, depressão, distúrbios alimentares (Moreira & Dócolos, 1999), assim como comportamentos de auto-agressão, apresentando esta população de jovens uma probabilidade três vezes superior em relação à população jovem em geral de adquirir estes sintomas (Carneiro, 2009 *in* Arquivos do Jornal Noticias).

O *coming out* feito às famílias requer que gays e lésbicas confrontem a construção social e os pensamentos internos anti-gay, de vergonha e negativos que circulam na sociedade e na vida das famílias e comunidade. Este *coming out* abarca um grande potencial emocional quer para os próprios gays e lésbicas quer para todos os outros membros da família (Morrow, 2000). O *coming out* familiar é talvez dos mais complexos e com mais significado para o indivíduo que, muitas vezes, sente um grande medo de rejeição (Ben Ari, 1995, cit. *in* Morrow, 2000).

Os motivos que estão na base da decisão de assumir a sua orientação sexual incluem o desejo das pessoas homossexuais de manter um sentimento de integridade e honestidade nas interações entre o *eu* e os *outros*, no entanto o medo da rejeição, de serem prejudicadas fisicamente e de serem discriminadas mantém-se presente (Harry, 1993, cit. *in* Morrow, 2000).

Segundo os psicólogos e profissionais da saúde, o *coming out* ou “saída do armário” é fundamental na vida de um LGBT. Pode-se dizer que, sem esta passagem, as pessoas não serão completamente felizes nem viverão as vidas de uma maneira mais digna, apesar dos custos e consequências a que esta decisão conduz.

Por essa razão, o *coming out* tem vindo a ser facilitado com a ajuda de instituições de apoio e sensibilização dos direitos LGBT, de movimentos sociais, da criação de grupos de suporte formados por pessoas que já realizaram o seu *coming out*, assim como da saída do armário de figuras públicas (Corrigan & Matthews, 2003).

O que poderá ser, então, ainda feito para combater este estigma social e facilitar assim o *coming out*? Protestar, educar e contactar, seriam as palavras-chave para este combate (Corrigan & Matthews, 2003).

Os protestos são importantes para trazer a público as injustiças específicas dos estigmas, fazendo assim um apelo moral. Exemplos disso são as denúncias públicas de casos de homofobia, ou as próprias Marchas LGBT.

As estratégias de educação, que têm como base a desmistificação de mitos, são também necessários, como é o caso do Projecto Educação desenvolvido pela Associação Rede *ex aequo*. Este projecto visa uma intervenção educacional através da disseminação de informação sobre os temas da homossexualidade, bissexualidade e transgnderismo entre professores e alunos do 7º ao 12º ano, formadores de professores, professores estagiários e alunos do Ensino Superior (*in* www.rea.pt, 2009).

O contactar depende em grande parte da própria comunidade LGBT. Segundo Harvey Milk, o primeiro homem abertamente gay a ser eleito a um cargo público na Califórnia, como supervisor da cidade de São Francisco, “(...) *se todos os gays advogados, todos os arquitectos gays se assumissem, se levantassem e deixassem que o mundo os conhecesse, tal faria mais do que podem imaginar (...)*” (Herek, 1996, cit. *in* Corrigan & Matthews, 2003, p. 235).

Todo este tipo de estratégias ajudam a diminuir as atitudes e comportamentos em relação aos estereótipos e à discriminação.

Em suma, quanto mais este tema da homossexualidade for debatido, quanto mais a “sociedade heterossexual” e a “sociedade homossexual” promover o debate público, mais abertura haverá, o que, certamente, facilitará o *coming out* pacífico e necessário a todos aqueles que ainda não o fizeram.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE

A breve revisão que foi apresentada sobre a história da homossexualidade revela que as opiniões das pessoas acerca da orientação sexual mudaram em função das épocas, e que elas diferem ainda em função das culturas. Embora haja, na nossa sociedade, ainda muitas atitudes negativas para com a homossexualidade e as pessoas homossexuais, diversos grupos foram contudo constituídos para apoiar e defender os direitos dos não heterossexuais. Parece, portanto, que a homossexualidade é um objecto de representações sociais e que as atitudes homofóbicas possam ser entendidas a partir deste quadro teórico.

3.1. Teoria das Representações Sociais

Desde que nascemos somos educados a agir de acordo com a sociedade em que estamos inseridos, e grande parte da nossa personalidade, da nossa forma de pensar e de estar é moldada pelo mundo que nos rodeia – família, amigos, colegas, vizinhos, meios de comunicação social. Por este motivo nem todos reagimos da mesma forma perante uma mesma situação, pois os contextos variam de ser humano para ser humano e, se as sociedades e as comunidades são diferentes, as pessoas também o serão.

Poeschl (2004) afirma que *“o modo como conceptualizamos os objectos sociais e como nos exprimimos acerca deles nas interacções sociais obedece a uma lógica particular que preenche várias funções, como as de justificar e orientar os nossos comportamentos e as relações que temos com outras pessoas e outros grupos, e de defender o valor positivo que atribuímos à nossa identidade social”* (p. 8). Assim, toda a nossa realidade é baseada em representações sociais, que são métodos de apreender e criar a realidade, através da partilha de informações (Moscovici, 2001). As representações sociais são uma constante nas nossas vidas, e compreender estas representações é tão importante como perceber os objectos, sendo que quase todos os objectos são fundamentados com uma representação social.

Para compreender as representações dos objectos sociais, a teoria das representações sociais foca-se no modo como são estruturados os objectos de conhecimento ao longo das interacções sociais, dando ênfase à importância que as trocas sociais têm nesta estruturação (Poeschl, 2004). O conceito de representação social é bastante complexo de se definir (Moscovici, 1978), apesar de diversos autores, terem proposto uma definição, tais como Herzlich, Moscovici, Jodelet e Doise. Doise defende que se deveria considerar a teoria das representações sociais como sendo uma “grande teoria”, uma vez que a sua finalidade é proporcionar conceitos básicos (Poeschl, 2003).

Uma representação social pode ser tida como uma elaboração colectiva de um objecto por uma comunidade, tendo por objectivo agir e comunicar no quotidiano (Moscovici, 1963, cit. *in* Poeschl, 2003). A formação de uma representação social advém de um processo que permite a construção e a aquisição de conhecimentos através da interacção com o meio físico e social. Este processo acontece dentro de grupos sociais que têm características próprias e que levam a representações particulares (Poeschl, 2003).

As representações sociais assim formadas através das comunicações interpessoais orientam a nossa forma de ver o mundo. Elas são associadas a categorizações que se fazem de forma automática, quase que nem se pensa para as fazer, que podem incluir os estereótipos sociais. Elas condicionam as relações mantidas entre indivíduos e grupos (Abric, 2003) e, muitas vezes, contribuem para a manutenção das desigualdades sociais (Poeschl, Múrias & Costa, 2004).

Para Moscovici (1976, cit. *in* Poeschl, 2003), representações sociais dizem respeito aos conhecimentos do quotidiano, aparecendo através da interacção social e da comunicação entre pessoas de uma comunidade e não aos conhecimentos científicos. Contudo, uma vez formada uma representação, as pessoas tentam formar uma realidade que corresponda às suposições decorrentes da representação formada e adquirida (Moscovici & Hewstone, 1984 cit. *in* Vala, 2006).

Quando Moscovici desenvolveu a sua teoria das representações sociais tentou perceber o modo como as sociedades recebem e transformam o saber científico, cuja divulgação já causa algum impacto social (Moscovici, 2003). Contudo, a noção de representações sociais acabou por servir de base para a

descrição e explicação do conhecimento social divulgado para lidar com assuntos, eventos, indivíduos e grupos, que não se enquadram nos valores culturais, ou seja, considerados estranhos, como a homossexualidade (Scardua & Filho, 2006).

3.2. As Representações Sociais da Homossexualidade

A homossexualidade e a população LGBT parecem ser objectos de representações sociais (Costa, 2008). Existem inúmeras formas de ver a homossexualidade e algumas das representações são associadas a atitudes negativas para com a população LGTB. As diferenças entre representações dependem de diversos factores, relacionados com as diferenças inter-individuais (como o grau de religiosidade, Nunan, 2003), os grupos a que pertencem as pessoas (como os grupos etários, Herek, 2002) ou, ainda, a forma de considerar as relações entre os grupos (por exemplo, o nível de orientação para a dominância social, Whitley & Lee, 2000).

As representações sociais da homossexualidade podem levar à formação de preconceitos. Estes preconceitos persistem nas sociedades ocidentais modernas, apesar dessas defenderem valores igualitaristas que tornam politicamente incorrecta a expressão de atitudes preconceituosas. Segundo Plant e Devine (1998, cit. *in* Costa, 2008), as respostas não preconceituosas por parte dos indivíduos têm uma base motivacional, que pode ser interna ou externa. Estas respostas podem provir do facto de um indivíduo ter valores de *locus* de controlo interno elevados, ou seja, baseia-se nas suas experiências e valores pessoais; ou ter valores de *locus* de controlo externo elevados, guiando-se pelos parâmetros socialmente aceites e normativos, tendo em conta a comunicação e as relações sociais externas.

Bernardes (2003, p. 314) afirma que Plant e Devine “*verificaram que as motivações internas, mas não as externas, estavam fortemente correlacionadas com medidas auto-relatadas de atitudes preconceituosas, sendo que quanto mais baixo o nível de preconceito, mais forte a motivação interna para controlar o preconceito*”. Analisando as representações sociais de respondentes portugueses, um estudo realizado por Costa (2008) indica que os

heterossexuais têm mais motivações internas do que externas para responder de forma não preconceituosa perante a homossexualidade.

O preconceito do qual a população LGBT é alvo pode, no entanto, ser um preconceito clássico ou um preconceito moderno. O preconceito clássico tem por base objecções tradicionais, religiosas e morais que desaprovam a homossexualidade (Morrison & Morrison, 2002, cit. *in* Thinder, 2008). Já o preconceito moderno refere-se a atitudes e comportamentos negativos para com a população LGBT baseados na actualidade, contestações abstractas e preocupações tais como defender que gays e lésbicas não necessitam de se expor tanto para lutar pela vida que desejam (Thinder, 2008). Tais tipos de preconceito podem ser medidos, respectivamente, através da escala ATLG – *Attitudes Toward Lesbians and Gay Men* (Herek, 1988) e pela escala MHS – *Modern Homonegativity Scale* (Morrison & Morrison, 2002).

Pesquisas demonstram que os heterossexuais apresentam mais características de preconceito moderno do que preconceito clássico, adquirindo valores mais altos na escala MHS do que na escala ATLG (Morrison & Morrison, 2002; Thinder, 2008). De acordo com estes resultados, o estudo de Costa (2008) evidencia que os níveis de preconceito moderno da população heterossexual portuguesa são substancialmente maiores que os níveis de preconceito clássico.

O estudo de Costa analisou também as consequências percebidas pelos heterossexuais da assumpção ou não assumpção da orientação sexual. A “saída do armário”, ou o *self-disclosure*, ou seja, o acto de revelar aos outros e a si mesmo, informações sobre a sua orientação sexual (Collins & Miller, 1994) leva, para as pessoas homossexuais, a consequências pessoais e sociais acabando por se traduzir numa disputa emocional onde o medo da retaliação e da rejeição é dominante (Costa, 2008).

Segundo a literatura, o *coming out* leva por um lado ao bem-estar psicológico, aumentando a auto-estima e reduzindo o stress, diminui os comportamentos de risco e facilita as relações interpessoais; por outro lado pode levar a represálias físicas, ao evitamento e a reprovação social (Corrigan & Mathews, 2003, cit. *in* Costa, 2008). Em conformidade com este ponto de vista, os resultados de Costa (2008), sugerem que a população heterossexual também considera que os sentimentos negativos dos homossexuais assumidos

são de menor intensidade do que os dos não assumidos, embora a discriminação dos assumidos seja maior.

3.3. Objectivos do Estudo Empírico e Hipóteses

O nosso estudo teve como objectivo perceber a forma de pensar dos não heterossexuais acerca da situação dos homossexuais masculinos, optou-se por focar o estudo nos homossexuais masculinos pois segundo a literatura esta população é alvo de uma maior discriminação. Assim, mais precisamente, procurou-se perceber como os LGBT's representam as motivações que orientam a forma como os heterossexuais interagem com eles, e procurou-se também, de acordo com a perspectiva adoptada por Costa (2008), examinar as consequências que consideram poder surgir da decisão de revelar ou não revelar a sua orientação sexual. Procurou-se, por último, avaliar o nível de preconceito que percebem na população heterossexual.

Formularam-se três hipóteses, com base nas conclusões retiradas dos estudos já descritos e realizados na mesma linha de investigação.

Dado que, de acordo com os resultados de Costa (2008), os heterossexuais têm mais motivações internas do que externas para responder de forma não preconceituosa perante a homossexualidade, prevemos que:

Hipótese 1 – Os não heterossexuais consideram que os heterossexuais têm mais motivações internas para agir de forma não preconceituosa em relação à população LGBT do que motivações externas.

Segundo as opiniões dos especialistas (Corrigan & Mathews, 2003, cit. in Costa, 2008) partilhadas pela população portuguesa interrogada por Costa (2008), o *coming out* leva por um lado ao bem-estar psicológico mas, por outro lado, pode levar a represálias físicas, ao evitamento e a rejeição social. Sendo assim, podemos prever que:

Hipótese 2a – Os não heterossexuais consideram que os sentimentos negativos dos LGBT assumidos serão de menor intensidade do que os dos não assumidos.

Hipótese 2b – Os não heterossexuais consideram que a discriminação dos LGBT assumidos será maior do que a discriminação dos não assumidos.

O preconceito sentido pela população LGBT pode apresentar-se sob duas formas – clássico e moderno. Na medida em que a maioria dos estudos revelam que o preconceito clássico tem valores inferiores ao preconceito moderno (Costa, 2008; Morrison & Morrison, 2002; Thinder, 2008), podemos esperar que:

Hipótese 3 – Os não heterossexuais consideram que o nível de preconceito moderno dos heterossexuais é superior ao seu nível de preconceito clássico.

4. METODOLOGIA

4.1. Amostra

A amostra deste estudo é composta por 47 homens e 43 mulheres, ou seja, um total de 90 sujeitos com idades compreendidas entre os 14 e os 42 anos, com um caso omissivo, sendo a média de idades de 22.83 anos (DP=5.24). Nenhum dos sujeitos da amostra é exclusivamente heterossexual.

A grande maioria dos sujeitos é estudante, correspondendo a 67.8% da amostra. O nível médio académico da amostra situa-se no ensino secundário, com 44.4%, seguido do Bacharelato/Licenciatura com 30%, o número de sujeitos com o ensino básico 2,3 (até ao 9º ano) apresenta 13.3%, precedido dos 8.9% de sujeitos que manifesta ter mestrado ou pós-graduação. Por último surge com, um mínimo de indivíduos, o nível do 4ºano/classe, com 3.3%.

Quanto à religião 57.8% dos inquiridos assumem não ter religião contra 34.4% que admitem ser católicos e ainda uma pequena percentagem, 6.7%, que acolhe outra religião. Um dos participantes não respondeu a esta questão.

De forma geral, os sujeitos consideram-se ser pouco praticantes (M = 2.34, numa escala em que 7 = praticante), declaram que a religião não é uma parte importante da sua vida (M = 2.72, numa escala em que 7 = muito importante) e que a religião não tem influência na sua opinião sobre a homossexualidade (M = 1.92, numa escala em que 7 = muito influente).

4.2. Questionário

O questionário escolhido para a recolha de dados (ver Anexo I) foi adaptado do questionário utilizado por Costa (2008). Era introduzido pelo seguinte texto: “A questão da homossexualidade está, actualmente, no centro de inúmeros debates, quer na comunicação social, quer nas conversas privadas. O presente questionário faz parte duma vasta investigação que incide sobre diversos aspectos das relações entre os grupos sexuais”.

Seguiam-se três grupos de questões:

Motivações internas e externas para responder de forma não preconceituosa – O primeiro grupo era composto pelos dez itens das escalas IMS/EMS propostas por Plant & Devine (1998), já traduzidas para o português e utilizadas por Costa (2008). Os respondentes deviam indicar em que medida concordavam com cada uma das proposições, numa escala que variava de 1 a 7, onde o 1 corresponde a *Discordo totalmente* e o 7 a *Concordo totalmente*.

Consequências – O segundo grupo de itens era precedido de uma citação retirada da revista mensal *Com'Out*, que referia as consequências de assumir ou não a sua orientação sexual não heterossexual. Este grupo de itens visava perceber a opinião dos inquiridos sobre as consequências que pode experimentar uma pessoa homossexual assumida e uma pessoa homossexual não assumida com base na sua orientação sexual.

Os inquiridos deviam responder numa escala que variava entre 1 e 7, onde o 1 representava *Totalmente improvável* e o 7 *Totalmente provável*. As dezanove consequências seleccionadas foram retiradas do estudo de Costa (2008), tendo sido escolhidas as consequências referidas por sete ou mais pessoas desse estudo e incluiu ainda o sentimento de *Insegurança* que pela recolha de testemunhos junto do meio LGBT se revelou importante acrescentar.

Atitudes para com os homossexuais – No terceiro grupo eram expostas vinte questões do tipo Likert onde novamente os sujeitos deviam localizar a sua resposta entre 1 e 7, para responder de acordo com o que acham que a população heterossexual responderia.

Este grupo era formado pela compilação de itens retirados e adaptados de duas escalas, a escala ATLG – *Attitudes Toward Lesbians and Gay Men* – (Herek, 1988) tendo sido apenas utilizados os itens referidos aos homossexuais masculinos. A outra escala utilizada foi a MHS – *Modern Homonegativity Scale* – (Morrison & Morrison, 2002).

Variáveis sócio-demográficas - O último grupo de itens era constituído por dez questões destinadas a recolher os dados sócio-demográficos: o sexo dos respondentes, idade, profissão, nível académico, religião e a posição da religião na sua vida.

No fim do questionário, foram incluídas algumas linhas para recolher a opinião dos respondentes sobre o questionário, nomeadamente se achavam que ficaram questões relevantes por fazer. Estas linhas tiveram como objectivo receber um *feedback* de todo o questionário ajudando nas conclusões desta investigação.

4.3. Procedimento

A recolha de dados foi efectuada através da técnica de *Snowball* (Goodman, 1960), através das redes sociais e através do contacto com associações que promovem reuniões e encontros entre LGBT's, nomeadamente a Rede *ex aequo*, facilitando assim o encontro com esta comunidade.

4.4. Análise dos Dados

Para se analisar as respostas dadas e para uma melhor compreensão dos seus resultados, optou-se por formar novas variáveis, agrupando os diferentes itens. Assim, foram formadas duas escalas de motivações para não responder de forma preconceituosa, de acordo com a literatura: uma escala de motivações externas, com um valor do Alpha de Cronbach de 0.80 e uma escala de motivações internas, reduzida a três itens de forma a obter uma consistência interna satisfatória (“As pessoas estão pessoalmente motivadas para agir de uma forma não-preconceituosa em relação aos homossexuais”, “As pessoas tentam agir de uma forma não preconceituosa em relação aos homossexuais porque é importante para elas”, “Devido aos seus valores pessoais, as pessoas acreditam que o uso de estereótipos em relação aos homossexuais é errado”) com um valor do Alpha de Cronbach de 0.64. Foram também criadas duas escalas de atitudes preconceituosas para com os

homossexuais: uma escala de atitudes clássicas para com os gays, com um valor do Alpha de Cronbach de 0.94 e uma escala de atitudes modernas para com os gays, com um valor do Alpha de Cronbach de 0.92.

Aplicou-se uma análise factorial em componentes principais sobre os 19 itens que foram por nós seleccionados para conhecer as consequências que podem advir da revelação ou não revelação da orientação sexual.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepção das motivações

Para analisar a hipótese 1, que refere que os não heterossexuais consideram que os heterossexuais têm mais motivações internas para agir de forma não preconceituosa em relação à população LGBT do que motivações externas, aplicou-se um teste de *t de Student* para comparar as médias das variáveis Motivação Externa e Motivação Interna. Os resultados são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Comparação entre Motivação Externa e Motivação Interna

	Média	Desvio Padrão	t(89)
Motivação Externa	3.71	1.14	4.86***
Motivação Interna	3.07	1.04	

***: $p \leq 0.001$

Os resultados mostram que existem diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis ($t(89) = 4.86$; $p \leq 0.001$) e que, na opinião dos respondentes homossexuais, a população heterossexual age de forma não preconceituosa tendo por base mais motivações externas ($M=3.71$; $DP=1.14$) do que motivações internas ($M=3.07$; $DP=1.04$). Este resultado vem refutar a nossa primeira hipótese, que refere que os não heterossexuais consideram que os heterossexuais têm mais motivações internas para agir de forma não preconceituosa em relação à população LGBT do que motivações externas.

Consequências da decisão de revelar ou não revelar a sua orientação sexual

Aplicou-se uma análise factorial em componentes principais sobre o total das 19 consequências que podem advir de assumir ou de não assumir a orientação sexual. A análise extraiu dois factores com valores próprios superiores a um, que explicam, no conjunto, 62.07% da variância total e que referem, respectivamente, os sentimentos negativos e a discriminação. O Quadro 2 apresenta a solução factorial após rotação varimax, assim como a média geral e desvio padrão dos 19 itens.

Quadro 2 – Estrutura factorial dos itens após rotação varimax, média e desvio-padrão

Itens	Saturação	Média	D.P.
Factor 1: Sentimentos Negativos (42.55%)			
Depressão	0.86	4.79	1.78
Angústia	0.86	4.61	1.81
Baixa auto-estima	0.83	4.44	1.90
Isolamento	0.81	4.48	1.83
Frustração	0.80	4.51	1.89
Culpa	0.78	4.04	1.93
Solidão	0.78	4.51	1.81
Insegurança	0.78	4.63	1.67
Sentimento de mentir	0.77	4.16	2.25
Infelicidade	0.74	4.50	1.72
Medo	0.71	4.60	1.88
Vergonha	0.68	4.30	1.83
Revolta	0.68	5.00	1.66
Alpha de Cronbach = 0.94			

Factor 2: Discriminação (19.53%)

Exclusão	0.84	4.39	1.82
Dificuldades Profissionais	0.83	4.35	2.02
Dificuldades Sociais	0.83	4.44	1.83
Desprezo	0.72	4.36	1.72
Discriminação	0.70	4.50	1.86
Preconceito	0.67	4.14	2.04

Alpha de Cronbach = 0.86

Após a análise factorial foram construídas duas novas escalas – Sentimentos Negativos e Discriminação. Através destas duas escalas procedeu-se à comparação das consequências que, segundo os nossos sujeitos não heterossexuais, podem provir da assumpção versus não assumpção da homossexualidade. Esta comparação devia permitir examinar a hipótese 2 do nosso estudo que foi analisada em duas partes – hipótese 2a, que refere que os não heterossexuais consideram que os sentimentos negativos dos LGBT assumidos serão de menor intensidade do que os dos não assumidos; e hipótese 2b, que menciona que os não heterossexuais consideram que a discriminação dos LGBT assumidos será maior do que a discriminação dos não assumidos. Primeiro (hipótese 2a) procedeu-se à comparação dos Sentimentos Negativos considerados ser experimentados pelos LGBT assumidos e pelos não assumidos, os resultados apresentam-se no Quadro 3; e em seguida (hipótese 2b) analisou-se a Discriminação considerada ser experimentada pelos mesmos dois grupos de população, os resultados estão descritos no Quadro 4.

Quadro 3 – Comparação entre Sentimentos Negativos dos Assumidos e dos Não Assumidos

	Média	Desvio Padrão	t(89)
Sentimentos Negativos dos Assumidos	3.50	1.05	-13.34***
Sentimentos Negativos dos Não Assumidos	5.51	0.99	

***: $p \leq 0.001$

Os resultados mostram que existem diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis ($t(89) = -13.34$; $p \leq 0.001$). Assim os respondentes consideram que a população LGBT que opta por se assumir apresenta níveis menos elevados ($M=3.50$; $DP=1.05$) do que a que opta por não se assumir ($M=5.51$; $DP=0.99$). Este resultado vem apoiar a hipótese 2a que supunha que os não heterossexuais consideram que os sentimentos negativos dos LGBT assumidos serão de menor intensidade do que os dos não assumidos.

Quadro 4 – Comparação entre Discriminação dos Assumidos e dos Não Assumidos

	Média	Desvio Padrão	t(89)
Discriminação dos Assumidos	5.02	1.28	6.28***
Discriminação dos Não Assumidos	3.70	1.28	

***: $p \leq 0.001$

Tal como no Quadro 3, os resultados apresentados no Quadro 4 indicam existir diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis ($t(89) = 6.28$; $p \leq 0.001$). Este resultado, tal como o anterior, vem confirmar a hipótese 2b, que prevê que ao assumir-se os LGBT esperam ser mais discriminados ($M=5.02$; $DP=1.28$) que ao não se assumir ($M=3.70$; $DP=1.28$).

Percepção do nível de preconceito

Para se analisar a última hipótese, hipótese 3, que refere que os não heterossexuais consideram que o nível de preconceito moderno dos heterossexuais é superior ao seu nível de preconceito clássico, procedeu-se novamente a uma análise estatística *t de Student*. Os resultados obtidos entre a variável ATG, que se refere ao preconceito clássico, e a variável MHS, referente ao preconceito moderno, apresentam-se no Quadro 5:

Quadro 5 – Comparação entre a escala ATG e a escala MHS

	Média	Desvio Padrão	$t(89)$
ATG	2.96	1.73	
MHS	3.59	1.50	-5.65***

***: $p \leq 0.001$

Analisando o Quadro 5, percebe-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de preconceito clássico e moderno ($t(89) = -5.65$; $p \leq 0.001$).

A escala referente ao preconceito moderno, MHS ($M=3.59$; $DP=1.50$) obtém valores mais elevados que a escala ligada ao preconceito clássico, ATG ($M=2.96$; $DP=1.73$), o que significa que o nível de preconceito moderno atribuído à população heterossexual é maior que o nível de preconceito clássico. A hipótese 3 é então verificada como correcta, os não heterossexuais

consideram que o nível de preconceito moderno dos heterossexuais é superior ao seu nível de preconceito clássico.

Após a análise dos resultados que confrontaram as nossas hipóteses, achou-se relevante procurar estudos na literatura que tivessem trabalhado hipóteses semelhantes às nossas, podendo assim comparar os nossos resultados com os resultados desses estudos. Assim é possível ter uma visão da discrepância, ou não, entre os resultados obtidos nesta investigação com outros.

Comparação dos resultados obtidos entre a população heterossexual e a população não heterossexual

Tendo por base o estudo anterior efectuado por Costa (2008), efectuou-se uma comparação dos valores para se verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos heterossexuais interrogados por Costa e as atribuições que foram feitas pelos nossos respondentes.

Procedeu-se a uma análise estatística *t de Student* as nossas variáveis ATG, MHS, Motivações Externas e Motivações Internas com as variáveis do estudo realizado por Costa. Os resultados obtidos seguem-se no Quadro 6, sendo que o **Estudo 1** é referente ao presente estudo e o **Estudo 2** ao estudo realizado por Costa.

Quadro 6 – Comparação entre o Estudo 1 e o Estudo 2

	Estudo 1	Estudo 2	
	LGBT	Heteros	t(167)
	(n=90)	(n=79)	
ATG	2.96	3.26	-1.25
MHS	3.59	4.15	-2.73**
Motivações Externas	3.71	2.56	5.68***
Motivações Internas	3.07	5.22	-11.86***

***: $p \leq 0.001$; **: $p \leq 0.01$; *: $p \leq 0.05$

É possível verificar pela análise do Quadro 6 que existem diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis:

ATG – Para os valores desta escala verifica-se que os níveis de preconceito clássico dos heterossexuais (Estudo 2) é mais elevado ($M=3.26$; $DP=1.42$) que os níveis de preconceito clássico que os não heterossexuais (Estudo 1) sentem existir por parte da população heterossexual ($M=2.96$; $DP=1.73$). Contudo, a diferença entre o nível de preconceito clássico manifestado pelos heterossexuais (Estudo 2) e os níveis de preconceito que os não heterossexuais (Estudo 1) percebem nessa população não é significativa.

MHS – Para esta escala os valores do preconceito moderno apresentam-se mais elevados no Estudo 2 ($M=4.15$; $DP=1.20$) do que no Estudo 1 ($M=3.59$; $DP=1.50$), o que significa que os níveis de preconceito moderno são na realidade maiores na população heterossexual do que a população não heterossexual crê existir.

Motivações Externas – Analisando esta comparação conclui-se que os valores obtidos no Estudo 1 ($M=3.71$; $DP=1.14$) são mais elevados que os

obtidos no Estudo 2 ($M=2.56$; $DP=1.45$). Ou seja, os heterossexuais dizem ter menos motivações externas para responder de forma não preconceituosa do que os não heterossexuais julgam.

Motivações Internas – Os resultados desta comparação indicam que no Estudo 2 ($M=5.22$; $DP= 1.29$) os valores são mais elevados que no Estudo 1 ($M=3.07$; $DP=1.04$). Assim, os heterossexuais dizem ter mais motivações internas para responder de forma não preconceituosa do que os não heterossexuais julgam.

Resumindo a análise do Quadro 6, os não heterossexuais inquiridos no presente estudo percebem que os heterossexuais têm mais motivações externas para responder de forma não preconceituosa do que o admitem os heterossexuais inquiridos no estudo de Costa (2008) e, sobretudo, percebem que eles têm muito menos motivações internas. A nível do preconceito clássico não existem grandes diferenças mas, surpreendentemente, os homossexuais inquiridos percebem menos atitudes preconceituosas modernas do que os heterossexuais inquiridos admitem ter. Este facto é ainda mais surpreendente devido ao grau de discriminação percebido no caso da assumpção da orientação sexual. Tal pode indicar que a discriminação sentida não é apreendida pela escala de MHS.

Comentários ao questionário

As linhas colocadas no fim do questionário tinham como principal objectivo adquirir um *feedback* do questionário, possibilitando assim possíveis aperfeiçoamentos a serem feitos em posteriores estudos. Dos 90 sujeitos inquiridos, 49 deixaram em branco esta questão, no entanto os restantes 41 responderam, mesmo com poucas palavras.

A sua maioria (aproximadamente 35%) referiu ter gostado do questionário, afirmando estar bem estruturado, bem formulado e com questões pertinentes. Contudo, outra grande parte (aproximadamente 12%) criticou, de forma negativa, o facto de apenas a homossexualidade masculina ser referida

ao longo do questionário, sentindo assim que a homossexualidade feminina e a bissexualidade foram negligenciadas.

Referiram ainda que o questionário era demasiado longo, embora admitam que o tema assim o exige, com questões por vezes confusas e pouco abrangentes. Reforçaram a ideia da importância que estes estudos têm, numa tentativa de abrir mentalidades, esperando assim que continuem a existir estudos dentro da temática LGBT – tais como: preconceito relativo à homossexualidade feminina; origem da homossexualidade; comportamentos divergentes entre gays e lésbicas; natureza das relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo.

Por último um dos inquiridos referiu, relativamente às consequências que uma pessoa homossexual assumida ou não assumida pode experimentar (itens do Grupo 2 do questionário), que seria importante acrescentar o sentimento de *Agonia*.

De forma geral o *feedback* foi positivo, permitindo que os inquiridos pudessem manifestar a sua opinião sobre o questionário e sugerir novas ideias que pudessem vir a ser introduzidas em novos estudos.

CONCLUSÃO

A questão da homossexualidade é uma temática que tem vindo a ganhar espaço de antena. Por um lado começa a existir uma maior abertura, por parte da população heterossexual, no contacto com esta realidade, nomeadamente através da comunicação social, por outro as pessoas que se inserem nesta realidade começam a sair da sombra e a revelar a sua verdadeira identidade.

Começam a surgir mais estudos sobre esta temática, no entanto a sua grande maioria é feita junto da população heterossexual. Como tal o interesse da realização deste trabalho surge da ideia de fazer algo junto da população não heterossexual, algo que lhe pudesse dar voz a fim de exprimir a sua visão do “mundo exterior”. Dos diversos objectos que se poderiam estudar foram escolhidos a homofobia e as motivações para responder de forma não preconceituosa às pessoas homossexuais, assim como as consequências de se fazer ou não o *coming out*, pois são três pontos com muita relevância e com necessidade de serem abordados.

A sociedade portuguesa está ainda muito vinculada a valores morais antepassados, fortemente ligados à religião. Apesar das mudanças de concepções ao longo do tempo, a homossexualidade é ainda vista, pela grande maioria, como algo inexplicável e *contra-natura*.

O modo como os indivíduos vêem e lidam, não só com o tema da homossexualidade, está fortemente ligado às representações sociais que se adquirem. O ponto de partida para se falar das representações sociais é explorar a Teoria das Representações Sociais iniciada por Moscovici (1961). Esta teoria trabalha a dinâmica do pensamento social, que ajuda a entender o modo como as construções feitas na nossa mente são realizadas.

A Teoria das Representações Sociais foi um alicerce na construção deste trabalho, não se poderia estudar um tema tão mediático como a homossexualidade sem saber quais são as suas representações sociais, sem perceber como é a visão deste assunto junto da população em geral.

Decompondo o modo como é visto e sentido este tema, é possível verificar, quer pela leitura da literatura quer pelo contacto directo com a opinião das pessoas, que o preconceito e a discriminação são realidades ainda muito presentes. O que se pode fazer, ou pelo menos tentar, é minimizar as suas

consequências. Para tal é necessária a promoção de campanhas de sensibilização, a cooperação entre diversas entidades como o Estado e associações, neste caso, ligadas ao activismo LGBT (Corrigan & Matthews, 2003).

Para além do preconceito e da discriminação, não se poderia falar de homossexualidade sem se falar da homofobia e do heterossexismo. Estes dois termos estão bem presentes na vida daqueles que fazem parte deste aparente mundo paralelo da homossexualidade. Embora o termo homofobia seja mais vezes utilizado, até porque deu origem a outros termos semelhantes como a bifobia e a transfobia, a noção de heterossexismo também tem que ser tida em conta, este sentimento de que a heterossexualidade é norma e que por isso qualquer LGBT está hierarquicamente abaixo de um heterossexual (Cascais *et al.*, 2004).

O processo de *coming out* está relacionado com todos os factores já descritos. O preconceito sentido, o medo da discriminação, a homofobia e o heterossexismo fortemente sentidos e que por vezes se camuflam em pequenas acções da sociedade. Contudo este passo em frente acaba por ser dado, para uns um passo maior que para outros. Muitos jovens LGBT optam por se assumir apenas a um grupo restrito que passa pelos amigos mais próximos e, se houver abertura para isso, à família nuclear (Frazão & Rosário, 2008). Estas acções dependem muito da percepção que têm sobre a homossexualidade, o contacto que têm com esta realidade, pois muitos nem sabiam que tal existia, o que se torna muito complicado quando estes jovens, sem qualquer informação sobre o tema, sentem que são diferentes dos outros e não entendem o porquê (Rede *ex aequo*, 2006).

O papel da família, dos amigos, das instituições de ensino, entre outros, é muito importante para o desenvolvimento saudável dos jovens LGBT. É necessário trabalhar junto destes contextos, dar informação sobre a existência da homossexualidade (Rede *ex aequo*, 2006). Pois, podemos inferir que só assim a mudança de mentalidades começa a ser feita e os níveis de homofobia, discriminação, preconceito e de consequências negativas começarão a diminuir, promovendo uma abertura para a saída do armário de todos aqueles que necessitam.

O intuito deste trabalho era reunir o maior número possível de pessoas não heterossexuais para responder ao nosso questionário. Infelizmente a amostra revelou-se pequena, talvez devido à especificidade da população. O contacto com esta população não foi difícil de conseguir, porém não quisemos que os inquiridos se sentissem “perseguidos” pela recolha de informação, daí alguns dos questionários que foram entregues nunca foram devolvidos.

A questão aberta introduzida no fim do questionário permitiu-nos saber a opinião dos inquiridos sobre a sua estrutura. As críticas que foram mais feitas têm a ver com o tamanho do questionário e com o facto das questões se focarem explicitamente na homossexualidade masculina, deixando de lado a homossexualidade feminina. Num próximo estudo que aborde este tema as questões não poderão ser tantas, ou pelos menos não tão parecidas, e se o objectivo for alcançar toda a população LGBT então terão que existir questões direccionadas especificamente para o público feminino.

Através deste estudo foi possível verificar que na opinião dos LGBT, inquiridos, a população heterossexual age de forma não preconceituosa tendo por base mais motivações externas do que motivações internas, ao contrário do que se poderia supor no início desta investigação. Este resultado mostra que, para os nossos respondentes, o preconceito está presente, sendo o nível de preconceito moderno atribuído à população heterossexual maior que o nível de preconceito clássico.

O revelar ou não a sua orientação sexual, como já foi referido anteriormente, abarca consequências tais como a discriminação e diversos sentimentos negativos. Os resultados obtidos neste estudo sugerem que a grande maioria que opta por não ocultar a sua orientação sexual experimenta sentimentos negativos de menor intensidade, comparando com os que encobrem esta característica. Assim como aqueles que escolhem assumir-se como sendo LGBT esperam ser mais discriminados do que se não o fizessem, tal como defende grande parte da literatura (Brotman *et al.*, 2002).

Por conseguinte, podemos concluir que existe ainda muito para ser feito para combater o preconceito e a desigualdade social de que as pessoas homossexuais são vítimas. É necessário investir em estudos e na sua divulgação, que ofereçam resultados claros com fim a dar uma visibilidade da realidade. Na nossa opinião, casos de homofobia e discriminação não podem

ficar escondidos, têm que ser apresentados e debatidos em praça pública, pois só assim há uma consciência de que a homossexualidade existe e que ainda é alvo de muitas consequências negativas.

É necessário trabalhar para existir uma mudança de mentalidades e para que de geração em geração os valores que forem passados promovam cada vez mais a igualdade social entre os indivíduos e a elaboração deste tipo de estudos é um bom ponto de partida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. C. (2003). De l'importance des représentations sociales dans les problèmes de l'exclusion sociale. in J. C. Abric (Ed.,) *Exclusion sociale, insertion et prévention*. Saint-Agne : Eres.
- Almeida, S.J. (2010). *Homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora.
- Bernardes, D.L.G. (2003). Dizer «não» aos estereótipos sociais: As ironias do controlo mental. *Análise Psicológica*, 3 (21), 307-321.
- Brotman, S., Jalbert, Y., Rowe, B., & Ryan, B. (2002). The impact of coming out on health and health care access: the experiences of gay, lesbian, bisexual and two-spirit people. *Journal of health & Social policy*, 15(1), 1-28.
- Costa, D. (2008). *As representações sociais da Homossexualidade e o papel da assumpção da identidade sexual e do sexo de pertença nas atitudes para com os homossexuais*. Tese de Mestrado: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto.
- Carneiro, I. (2009). *Homossexualidade: discriminação leva a abandonar a escola*. in «www.jnoticias.pt». Acedido em 27.01.2009.
- Cascais, A.F., Santos, A.C., Amaral, A.L., Barreira, C., Rayner, F., Moita, G, Pereira, H., Leal, I., Menezes, I., Mourão, J.A., Almeida, M.V., Carneiro, N., Levy, T., & Tavares, T.C. (2004). *Indisciplinar a Teoria – Estudos Gays, Lésbicos e Queer*. Lisboa: Fenda Edições.
- Collins, N.L., & Miller, L.C. (1994). Self-disclosure and liking: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 116, 457-475.
- Corrigan, P. W. & Matthews, A. K. (2003). Stigma and disclosure: implications for coming out of the closet. *Journal of mental health*, 12(3), 235-248.
- Frazão, P. & Rosário, R. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1(26), 25-45.
- Goodman, L. (1961). Snowball sampling. *The Annals of Mathematical Statistics*, 32(1). 148 – 154
- Herek, G.M. (2004). Beyond “homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Journal of NSRC*, 1(2), 6 – 18.
- Herek, G.M. (2002). Gender gaps in public opinion about lesbians and gay men. *Public Opinion Quarterly*, 66, 40-66.

- Moreira, A. Z. M. & Dócolas, G. M. G. (1999). A voz do segredo: homossexualidade na família. *Pensando Famílias*, 1(1), 56-61.
- Morrison, M.A. & Morrison, T.G. (2002). Development and validation of a scale measuring modern prejudice toward gay men and lesbian women. *Journal of Homosexuality*, 43(2), 15-37.
- Morrow, D. F. (2000). Coming out to families: guidelines for intervention with gay and lesbian clients. *Journal of family social work*, 5(2), 53-66.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petropolis: Editora Vozes (tradução do original em inglês *Social Representations: explorations in social psychology*, 2000).
- Moscovici, S. (2001). *Social Representations: explorations in social psychology*. (ed. Gerard Duveen) Washington: New York University Press.
- Naphy, W. (2004). *Born to be Gay: a History of Homosexuality*. Stroud: Tempus.
- Nunan, A. (2003). *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Editora Caravansarai.
- Poeschl, G. A., Múrias, C. & Costa, E. (2004). Desigualdades sociais e representações das diferenças entre os sexos. *Análise Social*, 39(171), 365-387.
- Poeschl, G. A. (2004). Dinâmicas posicionais e dinâmicas representacionais: reflexões e interrogações. *Psicologia*, 18(1), 7-11.
- Poeschl, G. A. (2003). Teoría de las representaciones sociales. in José Francisco Morales Domínguez & Carmen Huici Casal (Dirs.), *Estudios de Psicología Social*, 439-466. UNED.
- Rede *ex aequo* – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes (2006). *Manual de Coordenadores de Grupos de Jovens LGBT* (2ªed.).
- Santos, A. C. (2005). Heteroqueers contra a heteronormatividade: Notas para uma teoria queer inclusiva. *Oficina do CES*, 239. in «www.ces.uc.pt». Acedido em 10.03.2009.

- Scardua, A. & Filho, E.S. (2006). *O debate sobre a Homossexualidade mediado por Representações Sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais*. in «www.scielo.br». Acedido em 13.04.2009.
- Spencer, C. (1999). *Homossexualidade: uma história*. (2ª ed). Rio de Janeiro: Record (traduzido do original em inglês *Homosexuality – A History*, 1995).
- Thinder, M.T. (2008). *Predicting homonegative behaviour: A cognitive or affective interprise?*. Tese de pós-graduação: Universidade de Saskatchewan.
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (2004). *Psicologia Social*. (7ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Whitley, B. E., & Lee, S. E. (2000). The relationship of authoritarianism and related constructs to attitudes toward homosexuality. *Journal of Applied Social Psychology*, 30,144-170.
- www.clubesafo.com, Acedido em 06.07.09.
- www.fazendoestrelas.blogspot.com, Acedido em 13.04.09.
- www.ilga-portugal.pt, Acedido em 06.07.09.
- www.opusgay.org, Acedido em 06.07.09.
- www.panterasrosa.pt, Acedido em 06.07.09.
- www.rea.pt, Acedido em 10.05.09.

ANEXOS

A questão da homossexualidade está, actualmente, no centro de inúmeros debates, quer na comunicação social, quer nas conversas privadas. O presente questionário faz parte duma vasta investigação que incide sobre diversos aspectos das relações entre os grupos sexuais.

Para responder às questões, deverá posicionar-se ao longo de uma linha dividida de 1 a 7. Os pólos destas linhas ser-lhe-ão apresentados sempre (por exemplo: 1 - *Discordo totalmente* / 7 - *Concordo totalmente*), podendo escolher qualquer número, sendo que quanto mais a sua resposta se aproximar de um desses pólos, mais considera que o mesmo corresponde à sua opinião. A única coisa que deve fazer é desenhar um círculo à volta do algarismo que melhor corresponde à sua opinião.

Deve responder de forma espontânea. Não há respostas consideradas correctas ou erradas, o que nos interessa é a *sua* opinião e não defendemos qualquer posição nesta matéria. Pedimos, no entanto, que responda a todas as questões, senão não poderemos utilizar as suas respostas. O questionário é anónimo, confidencial e destinado apenas à investigação científica.

Agradecemos a sua colaboração.

GRUPO 1

As questões seguintes dizem respeito às várias razões ou motivações que as pessoas têm para responder de uma forma ou de outra em relação às pessoas homossexuais. Gostávamos de saber em que medida concorda com as proposições mencionadas abaixo

As pessoas tentam não agir de forma preconceituosa em relação aos homossexuais por causa da pressão dos outros.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

As pessoas não agem de uma forma preconceituosa em relação aos homossexuais porque ficam preocupadas que os outros se mostrem zangadas com elas.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Devido aos seus valores pessoais, as pessoas acreditam que o uso de estereótipos em relação aos homossexuais é errado.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Por causa dos valores politicamente correctos da actualidade, as pessoas tentam não parecer preconceituosas em relação aos homossexuais.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

As pessoas tentam agir de uma forma não preconceituosa em relação aos homossexuais porque é importante para elas.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

As pessoas tentam esconder quaisquer pensamentos negativos sobre os homossexuais para evitarem reacções negativas dos outros.

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

As pessoas estão pessoalmente motivadas para agir de uma forma não-preconceituosa em relação aos homossexuais

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------------------

Não ser preconceituoso em relação aos homossexuais é importante para o auto-conceito das pessoas.

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------------------

As pessoas tentam não parecer preconceituosas em relação aos homossexuais para evitarem a reprovação dos outros.

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------------------

Por causa dos seus valores, o uso de estereótipos em relação aos homossexuais pode parecer aceitável às pessoas.

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------------------

GRUPO 2

“Todo o Homem tem direito à sua privacidade, nome e dignidade seja qual for a sua orientação sexual. Este parece ser um valor da Constituição Portuguesa, que deverá ser aplicado a todos, figuras públicas ou gente anónima. (...) Sobre a homossexualidade recai um conjunto de ideias de vergonha e medo. Embora não criminalizada, a homossexualidade ainda é recriminada, considerando-se mais vergonhoso ser gay do que praticar um crime. Por isso milhares de pessoas mantêm-se diariamente ‘dentro do armário’. O armário que se alimenta da discriminação, dos boatos, da invisibilidade. (...) Pensar em orientações sexuais diferentes da heterossexual é pensar nos estigmas a elas associados, que só com exemplos de sucesso podem ser superados. ‘I have a dream’, a frase memorável de Luther King, aplicada à segregação racial americana na década de 60, poderia ser também o lema de qualquer homossexual em Portugal nos nossos dias. O momento em que se deixe de ser notícia ou assunto de capa o coming out de qualquer pessoa, em que falar de orientação sexual de alguém seja como falar de mais uma das muitas características de uma pessoa.” (Revista Com’Out, Outubro 2008).

Com efeito, o acto do *coming out* tem consequências. Gostávamos de saber a sua opinião sobre as consequências que uma pessoa homossexual assumida e uma pessoa homossexual não assumida pode experimentar sabendo que 1 = totalmente improvável e 7 = totalmente provável

Discriminação

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Frustração

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Vergonha

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Infelicidade

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Angústia

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Medo

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Revolta

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Solidão

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Depressão

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Desprezo

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Isolamento

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Preconceito

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Culpa

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Baixa auto-estima

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Dificuldades profissionais

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Dificuldades sociais

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Exclusão

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Insegurança

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

Sentimento de mentir

Pessoa assumida	1	2	3	4	5	6	7
Pessoa não-assumida	1	2	3	4	5	6	7

GRUPO 3

Por último, gostávamos de conhecer a sua opinião acerca das respostas que a maioria das pessoas dariam às seguintes afirmações que dizem respeito aos homossexuais. Conforme vai lendo, assinale com um círculo o seu grau de concordância/discordância ao longo do contínuo. Pode escolher qualquer número desse contínuo, e pedimos-lhe mais uma vez que responda a todas as questões.

Tal como noutras espécies, a homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade nos seres humanos

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Os homossexuais deveriam parar de tentar impingir o seu estilo de vida aos outros

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

A homossexualidade masculina é apenas um estilo de vida diferente que não deveria ser condenado

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Eu não ficaria muito aborrecido se soubesse que o meu filho era um homossexual

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Muitos homossexuais usam a sua orientação sexual para obter privilégios especiais

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Os homossexuais não deveriam ser autorizados a ensinar nas escolas

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

A ideia de um casamento entre dois homossexuais parece-me ridícula

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Os homossexuais não têm todos os direitos de que precisam

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

A homossexualidade masculina é uma perversão

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

Celebrações do tipo “Dia do Orgulho Gay” são ridículas já que assumem que a orientação sexual de um indivíduo devia ser uma fonte de orgulho

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

Se os homossexuais querem ser tratados como o resto da população, então têm que deixar de fazer tanto alarido em relação à sua sexualidade ou cultura

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

Se um homem tem sentimentos homossexuais, então ele deve fazer tudo o que puder para os ultrapassar

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

O comportamento homossexual entre dois homens é simplesmente errado

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

Na conjuntura económica difícil dos dias que correm, o dinheiro dos contribuintes não deveria ser usado para apoiar organizações homossexuais

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

Os homossexuais parecem concentrar-se nos aspectos em que diferem dos heterossexuais e ignorar os aspectos em que lhes são iguais

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

A ideia de haver universidades que oferecem aos estudantes cursos em Estudos da Homossexualidade é ridícula

<i>Discordo totalmente</i>	1	2	3	4	5	6	7	<i>Concordo totalmente</i>
----------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------------------------

Os casais homossexuais masculinos deveriam poder adoptar crianças da mesma forma que os casais heterossexuais

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Eu penso que os homossexuais são nojentos

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Os homossexuais deveriam parar de se queixar da maneira como são tratados pela sociedade e, simplesmente, viver a sua vida normalmente

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

Os homossexuais tornaram-se demasiado exigentes na sua luta por direitos iguais

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 *Concordo totalmente*

GRUPO 4

Como última tarefa, gostaríamos que nos fornecesse algumas informações adicionais.

Sexo: Masc. Fem.

Idade: _____

Actualmente é estudante? Sim Não

Se não, qual é a sua situação profissional/profissão?

Nível de académico que possui:

4ª ano/classe

Ensino Básico 2,3 (até 9º ano)

Ensino Secundário (até 12º ano)

Bacharelato/Licenciatura

Mestrado/Pós-graduações

Tem alguma religião? Sim Não

Se sim, qual é a sua religião?

Considera que a religião é uma parte da sua vida...

Nada importante 1 2 3 4 5 6 7 *Muito importante*

Face à sua religião, considera-se:

Não-praticante 1 2 3 4 5 6 7 *Praticante*

Considera que a sua religião tem influência na sua opinião sobre a homossexualidade?

Nada influente 1 2 3 4 5 6 7 *Muito influente*

Por último gostaria de saber a sua opinião (em breves linhas) sobre o questionário, nomeadamente se acha que ficaram questões relevantes por fazer:

Muito obrigada pela sua colaboração!